

A teoria do mito em Freud e Lacan – do endopsíquico à estrutura da linguagem

The theory of myth in Freud and Lacan – from the endopsychic to the structure of language

JOÃO FELIPE G. M. S. DOMICIANO

RESUMO: O artigo busca explicitar como a concepção de mito recebe definições categoriais distintas na obra de Freud e Lacan, enquanto efeito direto de suas diferenças teóricas e epistemológicas. Partimos da constatação de que a menção ao campo do mito é presente em momentos de virada seminais nas obras de ambos: em Freud, é coetâneo da queda da *Neurótica* (1897) e da emergência da psicanálise como uma prática *sui generis*; enquanto, em Lacan, está presente nos primórdios da referência estrutural enquanto forma, ou seja, na conferência *O mito individual do neurótico* (1953), na qual este aplica o modelo lógico através do qual Claude Lévi-Strauss tratou da estrutura das narrativas míticas ao caso do Homem dos ratos. Entretanto, se com Freud, está ligado a um programa universalização da teoria psicanalítica, mas a partir de uma antropologia limitada e permeada por axiomas evolucionistas, em Lacan, a remissão ao mito foi condição necessária para a assimilação deste do ideário estrutural com efeitos constitutivos sobre seu futuro projeto de formalização da teoria psicanalítica. Aí Lacan encontrou uma noção de estrutura que comporta a dimensão da dialética e do impossível lógico em seus termos; e o mitema como uma importante base à sua teoria do significante.

PALAVRAS-CHAVE: mito – antropologia – fórmula canônica – estrutura

ABSTRACT: The article seeks to explain how the conception of myth receives distinct definitions in the work of Freud and Lacan. We start observing that the mention of the field of myth is present in seminal turning points in the works of both authors: in Freud, it is coeval with the fall of his *Neurotica* and of the emergence of psychoanalysis as a *sui generis* practice; while, in Lacan, it is present in the beginnings of the structural reference as a form, that is, in the conference *The individual myth of the neurotic* (1953), in which he applies the logical model through which Claude Lévi-Strauss dealt with the mythical structure to the case of the Rat Man. However, if in Freud, it is linked to a program of universalization of psychoanalytic theory, but from a limited anthropology. In Lacan, the reference to myth was a necessary condition for his appropriation of structural ideas with constitutive effects on his future project of formalizing psychoanalytic theory. There Lacan found a notion of structure that assimilates the dimension of the dialectic and the logical impossible in his terms; and the mytheme as an important basis for his theory of the signifier.

KEY-WORDS: myth – anthropology – canonical formula - structure

Introdução:

Este artigo é parte de uma investigação que buscou explicitar como a concepção de mito recebe definições categoriais distintas na obra de Freud e Lacan, enquanto efeito direto de suas diferenças teóricas e epistemológicas.

Em pesquisa anterior,¹ demonstramos o modo pelo qual na conferência *O mito individual do neurótico*² - que se constitui enquanto referência inaugural à lógica estrutural enquanto forma – Lacan realizou a aplicação, ao caso freudiano do Homem dos ratos, do modelo lógico através do qual Claude Lévi-Strauss tratou da estrutura mítica, a saber, a “fórmula canônica do mito”.³

Deste ponto inicial, uma questão se impôs: em que medida o modelo da estrutura inerente ao fenômeno mítico foi condição necessária para a apropriação lacaniana do ideário estrutural e quais os efeitos de tal momento constitutivo sobre seu futuro projeto de formalização da clínica psicanalítica. Em outros termos, este teria sido um momento pontual e privilegiado do diálogo teórico entre Lacan e Lévi-Strauss, ou haveria no modo como este último conceituou as narrativas míticas um campo frutífero para a extensão sobre o terreno psicanalítico da grade estruturalista?

Do avanço sobre estas questões acreditamos poder extrair uma chave importante de diferenciação entre as perspectivas de Freud e Lacan.

Por que os mitos?

Sobre a posição que ocuparia o mito no sistema conceitual psicanalítico, temos na obra lacaniana momentos de defesas enfáticas acerca da sua relevância, como nesta passagem do Seminário VIII, no qual ele nos diz:

Não nos é possível abordar o tema com que lidamos na análise sem encontrar a função do mito. Isso é um fato comprovado pela experiência. Em todos os casos, desde os primeiros passos da análise, a *Traumdeutung*, **Freud se apoia em uma referência ao mito, e em especial ao mito do Édipo. Isso é elidido por nós,** colocamo-lo entre parênteses, tentamos exprimir tudo de nossa experiência sob o modo econômico, como se diz [...]. Ir neste sentido, perder a outra borda de referência, deve se apreciar em nossa experiência como um esquecimento, no

¹ Domiciano, J. F. (2021). *A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica*. Curitiba: CRV.

² Lacan, J. (2008). O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose (1953). Em *O Mito Individual do Neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

³ Lévi-Strauss, C. (2009). A estrutura dos mitos (1955). Em *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.

sentido positivo que o termo tem para nós. **Isso não impede a experiência, que continua a ser sempre uma experiência analítica. Mas é uma experiência analítica que esquece seus próprios termos.**⁴

O diagnóstico realizado aqui por Lacan é o de que haveria um esquecimento, um tipo de secundarização ou mesmo recalque do tema do mito, processo que faria da teoria psicanalítica uma teoria que perderia um de seus termos essenciais.

Sobre tal ponto, e dando um passo a mais, na trilha do argumento trazido por Zafiropoulos, pode-se dizer que todo o sentido do projeto lacaniano de retorno a Freud – projeto levado a cabo ao longo dos anos cinquenta, sob a égide de uma pretensa recuperação da experiência psicanalítica enquanto fundada sobre os alicerces do campo da linguagem, mas que se constituiu em uma grande reforma epistemológica a partir de seu contato com a fundamentação estruturalista – todo o sentido desta empreitada estaria articulado à **reintrodução do mito no coração da experiência psicanalítica**. Nas palavras de Zafiropoulos:

Falamos do mito de Édipo, mas também e mais globalmente todo o que o psicanalista empresta da antropologia francesa, especialmente de Lévi-Strauss, e reside na ordem simbólica que Lacan, como Lévi-Strauss, reserva ao princípio de estruturação das sociedades como ao princípio de estruturação do inconsciente.⁵

Importante salientar que no início dos anos 50, Lacan já estava em franco contato com os desdobramentos da antropologia lévi-straussiana sobre o campo do parentesco – cujo marco das *Estruturas Elementares do Parentesco*, já ecoavam nos cafés parisienses desde o fim dos anos 40 – assim como já estava a par dos avanços da linguística estrutural, por Saussure e Jakobson – além de todo o Círculo de Praga –, mas é da **extensão metodológica realizada por Lévi-Strauss sobre a esfera das narrativas, em especial as narrativas míticas, que o ideário estrutural ganhará um outro peso ao psicanalista**. *O mito individual do neurótico*, portanto, não apenas retoma este sintagma desenvolvido por Lévi-Strauss em *A eficácia simbólica*,⁶ como é acompanhado de uma chave de leitura lógico-matemática desenvolvida pelo antropólogo em seu curso na *École Pratique des Hautes Études* (EPHE), desde 1951, mas apenas publicada anos depois deste primeiro uso lacaniano.

⁴ Lacan, J. (1960/61). *Le Transfert*, aula 22. Paris: Staferla. p. 174.

⁵ Zafiropoulos, M. (2006) *Lacan y Lévi-Strauss - o el retorno a Freud (1951-1957)*. Buenos Aires: Manantial. p. 20.

⁶ Lévi-Strauss, C. (2009). *A eficácia simbólica* (1949). Em *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.

Para dar dimensão dos termos em jogo na conversa, tomemos uma primeira definição operativa de mito: *muthos*, proveniente do grego, denota uma das facetas da ideia de “palavra”. Não é a palavra como *logos*, enquanto discurso racionalmente ordenado, que se articula como um saber logicamente construído; nem a palavra como *epos*, de onde as epopeias se instituiriam como uma narrativa indireta acerca da origem histórica de uma pessoa, comunidade ou grupo.⁷ O mito, configura-se como a **palavra posta em ato**, em discurso. Mas, diferentemente das outras duas modulações de “palavra”, esta impõe-se como uma narrativa de tempos imemoriais, uma narrativa contada antes ou depois que qualquer pessoa pudesse testemunhar, e que responde por um evento que ressoa na **estrutura presente e permanente do mundo**, seja um fato natural, seja um dado no âmbito da cultura ou de uma história individual. O campo do mito, nesta primeira articulação, está ligado à “ordem das significâncias”.⁸

Entretanto, esta narrativa apresenta uma interessante característica que a distingue de qualquer narrativa fortuita, como podemos ver no seguinte comentário de Lévi-Strauss:

É melhor reconhecermos que o estudo dos mitos nos leva a constatações contraditórias. Tudo pode acontecer num mito. [...] Contudo, os mitos, aparentemente arbitrários, se reproduzem com as mesmas características e, muitas vezes, os mesmos detalhes, em diversas regiões do mundo. Daí a questão: se o conteúdo do mito é inteiramente contingente, **como explicar que, de um extremo a outro da terra, os mitos se pareçam tanto?**⁹

A recorrência para além dos limites históricos ou geográficos é um dos principais fatores que candidatam um fato cultural a ser reconhecido em sua extensão antropológica, e toda aspiração universalizante que esta categoria carrega. A possibilidade de extrair leis e regras do conjunto de narrativas míticas tem grande importância para a leitura em termos de estrutura dos fenômenos etnológicos, pois, como nos diz o antropólogo francês: “se o espírito humano se mostra determinado até mesmo em seus mitos, então *a fortiori* deve sê-lo em toda parte”.¹⁰

É a partir desta trilha que Lévi-Strauss, e conseqüentemente Lacan, irá encontrar um terreno fértil para tratar da questão da estrutura. A teoria do mito teria como encaminhamento a **possibilidade de se decantar as regras de transformação que operam nessas narrativas**, regras que se reconhecem a partir de tais movimentos transformacionais.

⁷ Dunker, C. I. L. (2015) *Mal-estar, Sofrimento e Sintoma*, São Paulo: Boitempo.

⁸ Lacan, J. (1955-1956). *Les Psychoses*. Paris: Staferla.

⁹ Lévi-Strauss, C. (2009). A estrutura dos mitos (1955). Em *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. p. 224.

¹⁰ Lévi-Strauss, C. (2004). *O Cru e o Cozido* (1964). São Paulo: Cosac Naify. p. 30.

Se a função primordial de uma narrativa dita mítica seria, como veremos, dar tratamento simbólico a temas e conflitos impossíveis de serem tratados de outra maneira, temos nestas narrativas uma espécie de empuxo a um princípio de sistematização que permitiria a uma ciência do sujeito habitado pela linguagem articular formalmente seus termos. Nas palavras de Lacan:

Este é um jogo no qual se trata de detectar as regras que lhe dão rigor. E reparem que não há outro rigor concebível além daquele que se instaura justamente no jogo. **Na função do mito, em seu jogo, as transformações se operam segundo certas regras, que por esse motivo tem um valor revelador, criador de configurações superiores ou de casos particulares iluminadores. Em suma, demonstram a mesma espécie de fecundidade que as matemáticas. É disso que se trata na elucidação dos mitos.**¹¹

No interior da teoria psicanalítica, portanto, o mito circunscreveria a ligação intrínseca entre uma dinâmica histórica – pautada por conflitos, tensões, acumulações de experiências e vivências¹² – e uma lógica antropológica – regida pelas leis fundamentais do significante, cujo princípio estrutural dota-a de valor universal. Em outras palavras podemos dizer que o mito coloca um horizonte de questões essenciais ao nosso campo, como a questão entre o **universal X particular, o histórico X a-histórico, o individual X coletivo, o social X subjetivo**. Tensões que organizam e estruturam dialeticamente a teoria e, conseqüentemente, a experiência psicanalítica.

Os mitos na teoria freudiana

Antes de seguir na trilha de Lacan, tomemos os termos em que essa teoria se dá no pensamento de Freud. Assim como no primeiro, a teoria dos mitos emerge em um momento de virada nos primórdios de sua obra, momento de constituição de uma cena psicanalítica *sui generis*.

A tentativa inicial de formulação do que poderíamos entender como uma definição de mito em Freud, antecede em dois meses a primeira referência ao que futuramente será nomeado como complexo de Édipo, e se dá em uma carta enviada a Fliess de dezembro de 1897. Vejamos os termos aí presentes:

¹¹ Lacan, J. (1960-1961). *Le Transfert*. Aula 22. Paris: Staferla. p.174.

¹² Estas, em si, já atravessadas pela lógica da linguagem, ainda que recebam da filosofia da história hegeliana a fundamentação primordial em Lacan.

Imagine você isso que podem ser **os mitos endopsíquicos?** [...] a obscura percepção interna pelo sujeito de seu próprio aparelho psíquico suscita a ilusão que, naturalmente, se encontra projetados desde fora e, de maneira característica, no porvir, em um mais além. A imortalidade, a recompensa, o além, tais são as concepções de nossa psique interna. *Meschugge?* [Loucura?] *Psicomitologia*.¹³

A emergência da noção de mitos endopsíquicos, nos dá um parâmetro inicial da função do mito na economia conceitual freudiana. Há já de partida a ideia de uma projeção de temas “internos”, campos imanes de impasses universais da humanidade que receberiam recobrimento narrativo *standard*, dado que se fundamentariam nesta lógica projetiva. Mas o valor de tal noção pode ser mais bem compreendido quando articulado com uma importante passagem de *Psicopatologia da Vida Cotidiana*:

Uma grande parte da concepção mitológica do mundo, que se entende bem distante, cujo longo alcance se estende até as mais modernas religiões, nada mais é do que **psicologia projetada sobre o mundo exterior**. O reconhecimento obscuro (a percepção, por assim dizer, endopsíquica) da existência de fatores e de fatos psíquicos próprios ao inconsciente se reflete (...) na construção de uma realidade suprassensível que a ciência tem por tarefa retransformar em psicologia do inconsciente. Poderíamos nos poupar de explicar os mitos do paraíso e do pecado original, de Deus, do bem e do mal, da imortalidade, etc., e **transformar a metafísica em metapsicologia**.¹⁴

O mito, neste momento primeiro da obra freudiana, é entendido na mesma série dos sonhos, chistes e formações sintomáticas, mas apresentaria um potencial diferencial para a descrição formal de uma “ciência da vida psíquica inconsciente”, dado que teria a vantagem de enunciar em sua narrativa uma projeção do “mundo interno” com um menor grau de dissimulação frente a outras formações do inconsciente, cuja maior confusão em seus temas e tramas atestaria.¹⁵

Nesta via, além de representar elementos centrais da investigação do psiquismo, nos termos freudianos, o reconhecimento do autor de sua recorrência, faria do mito um elemento tão relevante

¹³ Freud, S. (1982). Cartas a Fliess - Carta 78 (1897). Em *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. p. 210.

¹⁴ Idem. (1982). *Psicopatología de la Vida Cotidiana* (1902). Em *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 6). Buenos Aires: Amorrortu. p. 309.

¹⁵ Idem. (1982). El esclarecimiento sexual del niño (1907). Em *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Buenos Aires: Amorrortu.

que Freud fará do reconhecimento em si, e em seus pacientes, de dramas análogos ao de uma narrativa grega, uma pedra de toque teórica. Em seus termos:

Podemos entender a força avassaladora de *Oedipus Rex* [...] [pois] a lenda grega capta uma compulsão que **toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo** como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual.¹⁶

Para o recorte ora proposto, nos restringimos a demonstrar os termos freudianos que balizam seu entendimento do mito, cuja topologia descrita em um dentro/fora, interno/externo – daria as coordenadas do valor para seu sistema de pensamento. A proposta freudiana seria a de escutar nos mitos uma semiologia que teria seu alicerce em uma psicologia endopsíquica, o que quer que isso seja.

O fato de nos depararmos com uma recorrência entre tais narrativas, para Freud, responderia por um campo de universalidade que teria sua fundamentação na transmissão filogenética, portanto, intrínseca a cada indivíduo. Neste sentido, a antropologia evolucionista que ordena grande parte da lógica freudiana, teria como um passo subsequente – quase necessário e previsível –, a produção de uma obra como *Totem e Tabu*.¹⁷ Nesta, a busca por uma reconstituição destes possíveis eventos primordiais, no campo do *Ur*, teria como função a ancoragem universal do complexo de Édipo no ponto de origem das sociedades e da própria hominização. Termos muito distintos daqueles propostos pela chave lévi-straussiana.

As torções do mito em Lévi-Strauss

Retornando a via pela qual a noção de mito chega em Lacan, encontramos na obra de Lévi-Strauss uma faceta que surpreendentemente é pouco explicitada nos debates psicanalíticos acerca da remissão às teses antropológicas, que seria a de que este teria se dedicado décadas aos estudos dos mitos – ou seja, muito além do que se debruçou sobre os campos do parentesco, do totemismo, dos rituais, etc.

¹⁶ Freud, S. (1982). Cartas a Fliess - Carta 71 (1897). Em *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. p. 305.

¹⁷ Idem. (1982). *Totem y Tabú* (1912-13). Em *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu.

Encontramos aí uma análise das estruturas míticas em correlação com a universalidade da *atividade inconsciente do espírito* – de extração boasiana – que acompanhará Lévi-Strauss por mais de trinta anos, passando pela construção de um método de análise deste fenômeno discursivo (expresso pela operação de extração da noção de mitema – 1952-53), de um modelo de transformação de narrativas (fórmula canônica do mito – 1955), assim como seu papel capital para a explicitação da sistematicidade do chamado pensamento selvagem (também denominado mito-poético – 1962).

Desde o primeiro texto em que sintetiza seus resultados sobre o campo do mito, o antropólogo enfatiza a necessidade de se “ampliar os quadros de nossa lógica para incluir operações mentais aparentemente diferentes das nossas”¹⁸ e, assim, reconhecer os termos nos quais se organizam a estrutura do mito. A partir desta premissa, Lévi-Strauss trará uma definição essencial para pensarmos a *démarche* lacaniana.

Um **mito**, nesta leitura, seria **uma tentativa, sempre renovada, posto que é da ordem da fala, de responder a um enigma**. Um enigma seria **uma questão de precário tratamento discursivo** – simbólico, se quisermos – que constitui o **centro articulador de toda narrativa mítica**, posto que ela se efetiva no justo momento em que se constitui a **hiância entre sua possibilidade de enunciação e sua impossibilidade de resposta unívoca**. Um mito, como uma neurose, portanto seria uma articulação discursiva que se constitui por um conjunto de tentativas de responder a uma pergunta de impossível solução, dado que não seria possível encontrar uma palavra última a completar, suplantando ou encobrir esta falta estruturante do campo do Outro.

Nesse sentido, Lacan resume sua leitura em uma fala endereçada ao próprio Lévi-Strauss:

o mito opera através do equacionamento, sob uma forma significativa, de uma problemática que tem por si só de deixar necessariamente algo em aberto, **respondendo ao insolúvel significando a insolubilidade**, fornecendo, assim, [esta seria a função do mito] **o significante do impossível**.¹⁹

Portanto, falamos de um conjunto de narrativas que comportariam uma articulação possível deste impossível que se produz no deslizamento significativo.

Lévi-Strauss, por sua vez, ao definir as partículas elementares das narrativas míticas - suas estruturas constitutivas mínimas, os **mitemas** – produzirá uma significativa ampliação da lógica da

¹⁸ Lévi-Strauss, C. (2009). A estrutura dos mitos (1955). Em *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. p. 221.

¹⁹ Lacan, J. (2008) Intervenção depois de uma exposição de Claude Lévi-Strauss na Sociedade Francesa de Filosofia, “Sobre as relações entre a mitologia e o ritual, com uma resposta dele” (1956). Em *O Mito Individual do Neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p. 91.

linguística – até então utilizados para elementos únicos e discretos – para articular fatos menos determinados, constituídos a partir de um entendimento de conjunto.

Os mitemas, por esta via, à diferença do sistema da língua, seriam **grandes unidades constituídas por “feixes de relações”, relações entre relações, fragmentos de história**, que combinadas entre si as dotariam de sua **função significante**, e que, ademais, expressariam a característica do mito de decolar dos discursos comuns, ainda presos à ordem da língua. Tal passo formal seria uma grande diferença entre a análise do parentesco para a análise em termos de uma estrutura que escapa de um certo funcionalismo.²⁰

A análise proposta por Lévi-Strauss então operará por uma matematização em que seria possível dispor espacialmente os termos que se repetissem entre distintas versões de narrativas e teriam no modelo da partitura musical um aporte significativo. Nesse sentido, o antropólogo conceberá o mito como se fosse uma partitura, portanto, a ser bem apreendida no duplo eixo vertical-horizontal, mas que sofreria uma espécie de transcrição linear, sob uma forma melódica, que dificultaria o reconhecimento de sua ordem interna. No modelo de Lévi-Strauss:²¹

Algo como se nos fosse apresentada como uma série de números inteiros, do tipo, 1, 2, 4, 7, 8, 2, 3, 4, 6, 8, 1, 4, 5, 7, 8, 1, 2, 5, 3, 4, 5, 6, 8 e nos fosse pedido que agrupássemos todos os 1, todos os 2, todos os 3 etc.; o resultado é um quadro:

1	2	4	7	8
	2	3	4	6
1		4	5	7
1	2		5	7
		3	4	5
			6	8

22

A partir desta disposição, o antropólogo explicitará o entendimento de que a construção lógica de um mito pressuporia uma dupla permutação de termos e funções, cuja redução do conjunto de versões – de todas as suas variantes – poderia ser explicitada em uma fórmula canônica do tipo:

$$F_x(a) : F_y(b) :: F_x(b) : F_{a-1}(y).$$

²⁰ No interior no campo da antropologia, há quem conceba as Estruturas Elementares como uma obra pré-estruturalista, dado que seus termos ainda resguardam uma determinação imanente. Veremos como a lógica do mito se desprende radicalmente dos termos elementares, à semelhança da lógica do significante.

²¹ Ora, encontramos aqui um modelo que se assemelha aos argumentos encontrados no “Seminário sobre ‘a carta roubada’” de Lacan (1955/57).

²² Lévi-Strauss, C. (2009). A estrutura dos mitos (1955). Em *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. p. 244.

A leitura desta notação pode se dar nos seguintes termos: a um conjunto de elementos a constituído pela função x associado por oposição a um conjunto b função de y opõem-se outros dois conjuntos – equivalentes, mas não simétricos²³ – que trazem além das trocas de parceiros (a, b, x, y) , uma situação definida por uma inversão de *termos e relações*, sob a dupla condição de que um dos termos seja substituído pelo seu contrário [$a \square a^{-1}$]; e de que uma inversão correlativa se produza entre o valor de função e o valor de termo de dois elementos [$Fy (a^{-1}) \square F a^{-1} (y)$].²⁴

O que encontramos aqui, portanto, é um primeiro modelo de análise estrutural do discurso, um exemplo de como seria possível decantar tais partículas significantes a partir do fluxo narrativo, no caso, das narrativas míticas.

A força da proposta lévi-straussiana é não reduzir a fala a um tipo de anedota, ou de analogia entre situações, mas reconhecer que neste fluxo de transformações entre distintas versões de um mito, as oposições que pressupõe e se articulam a outras oposições teriam como condição a presença desta dupla torção final: está detalhadamente articulado em outro espaço,²⁵ mas para o recorte aqui proposto, falamos de um elemento heterogêneo aos demais que retomaria as demais oposições e reorganizaria todo o campo, trazendo em si um lugar de impossível inscrito pela lógica simbólica. Impossível que organizaria a cadeia, nos moldes do *caput mortuum* do significante, tal qual descrito no “Seminário sobre ‘a carta roubada’”.²⁶

Para apreender, neste breve recorte, a via de entrada e lugar constitutivo desta rede no pensamento lacaniano, tomemos seus termos nesta obra que inaugura as remissões à lógica estrutural, o mito individual do neurótico.

O mito individual do neurótico

Foi em 4 de março de 1953, no *Collège Philosophique*, a convite de Jean Wahl, que teve sede a conferência *O mito individual do neurótico* ou *Poesia e verdade na neurose*. Considerado seu trabalho de maior influência lévi-straussiana,²⁷ haja vista, e.g., a reformulação da consagrada tríade imaginária edípica para uma estrutura quaternária,²⁸ *O mito individual* traz desde seus primeiros

²³ O caráter dessimétrico entre as cenas, seu traço *odd*, foi por nós trabalhado no grupo de investigação *Fundamentos do Significante em Lacan: o caso da carta roubada*, realizado na APOLa São Paulo. Neste mesmo grupo, propusemos a leitura de como o campo do parentesco poderia ser aproximado do nível de formalização da Rede 1-3, presente na “Introdução” deste artigo, assim como o Repartitório A-Δ e sua extensão na Rede α, β, γ, δ, se aproximariam da formalização proposta no campo dos mitos.

²⁴ Lévi-Strauss, C. (2009). *A estrutura dos mitos* (1955). Em *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. p. 246.

²⁵ Domiciano, J. F. (2021). *A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica*. Curitiba: CRV.

²⁶ Lacan, J. (1998). Seminário sobre ‘a carta roubada’ (1957). Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

²⁷ Simanke, R. T. (2002). *Metapsicologia Lacaniana - Os anos de formação*. Curitiba: Editora UFPR.

²⁸ O que tornaria patente o desdobramento entre um pai imaginário e um simbólico, como já entrevisto no seminário sobre o Homem dos lobos (Seminário -1), que marcaria, em suas palavras: um “progresso tanto na técnica quanto na teoria sobre a neurose obsessiva” (Lacan, Carta a Lowenstein de 14-07-53 apud Zafirovoulos, 2006, p.158).

instantes o reconhecimento dos limites de uma formalização, nos moldes de um positivismo clássico, do campo psicanalítico.

Neste, encontramos Lacan defendendo que a psicanálise seria uma disciplina que preservaria um modo de relação “do homem consigo”²⁹ – homólogo às artes liberais – que teria uma marca inesgotável e cíclica, enquanto efeito inerente da função que aí comporta a dimensão da fala. Aí entra o campo da análise mítica, como o que daria algum lastro formal para tratar de dessa cisão fundante entre saber e verdade.

A psicanálise, portanto, por ser uma experiência locada no seio de seu único meio possível, a saber, a fala [*parole*], necessita recorrer, **para tratar de si, a algo próximo de um mito que dê formulação discursiva aos seus condicionantes não objetiváveis.**³⁰

Nesta via, insiste Lacan, o mito daria formulação discursiva “**a algo que não pode ser transmitido na definição da verdade**, porque a definição da verdade só pode se apoiar sobre si mesma, e é na medida em que a fala progride que ela a constitui”.³¹ Reconhecendo a função do mito, enquanto particular discursivo, Lacan não deixa de salientar seu lugar primordial para pensar o campo da neurose, em sua estrutura constituinte.

A constelação – por que não no sentido de que falam dela os astrólogos –, **a constelação original que presidiu ao nascimento do sujeito, ao seu destino e quase diria à sua pré-história**, a saber, as relações familiares fundamentais que estruturam a união de seus pais, mostra ter uma **relação muito precisa, e talvez definível por uma fórmula de transformação, com o que aparece como o mais contingente, mais fantasístico, o mais paradoxalmente mórbido de seu caso**, último estágio de desenvolvimento de sua grande apreensão obsedante, roteiro imaginário a que chega como se fosse à solução da angústia ligada ao desencadeamento da crise.³²

²⁹ Lacan, J. (2008). O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose (1953). Em *O Mito Individual do Neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

³⁰ Lacan, J. (2008). O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose (1953). Em *O Mito Individual do Neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

³¹ Idem. (2008). O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose (1953). Em *O Mito Individual do Neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p.18.

³² Idem. (2008). O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose (1953). Em *O Mito Individual do Neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.p.19.

Se o mito individual é tomado como uma forma de agenciamento de posições que estruturam o que há de mais contingente na vivência do neurótico, vemos o campo da linguagem receber aqui uma de suas primeiras formulações. A sistematicidade deste agenciamento, entretanto, mostra-se em consonância com o modelo da fórmula canônica do mito, dado que os impasses próprios à neurose reproduziriam “de forma mais ou menos exata a relação inaugural modificada numa certa tendência”,³³ e sem que as duas cenas se recubram plenamente.

O mito individual, por tal via, articularia em uma dupla dimensão o drama do neurótico. Os primórdios do tema da repetição, do automatismo significante estrutural da ordem simbólica, recebem um primeiro e decisivo tratamento neste encontro inaugural de Lacan com a incipiente análise mitológica de Lévi-Strauss. É neste sentido que o psicanalista, se endereçando ao antropólogo, resume seu empenho da seguinte maneira:

O relevo da coisa [formalização de mitos] é por mim altamente apreciado porque, como Lévi-Strauss não ignora, tentei quase de imediato e ousado dizer, com pleno sucesso, **aplicar sua grade aos sintomas da neurose obsessiva; especialmente à admirável análise que Freud fez no caso do Homem dos Ratos**, e isso numa conferência que intitulei *O mito individual do neurótico*.³⁴

Neste breve recorte aqui realizado, coletamos algumas das incidências e particularidades da noção de mito em *O mito individual do neurótico*, que daria as coordenadas deste momento constitutivo de sua entrada enquanto elemento central do programa lacaniano de refundação das condições de leitura dos fenômenos clínicos. Poderíamos desta forma extrair, sinteticamente, as seguintes acepções:

1) O mito como *modelo discursivo que apreende uma experiência inobjetivável*.

Neste momento o mito trata da possibilidade de falar da própria posição de enunciação do “sujeito em sua divisão, em sua incompletude essencial”.³⁵ artifício teórico, o **mito possibilitará abordar um real lógico que escapa à indexação simbólica**.

2) *Narrativa de estrutura ficcional homóloga à noção de verdade*.

³³ Idem. (2008). O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose (1953). Em *O Mito Individual do Neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.p. 20.

³⁴ Lacan, J. (2008) Intervenção depois de uma exposição de Claude Lévi-Strauss na Sociedade Francesa de Filosofia, “Sobre as relações entre a mitologia e o ritual, com uma resposta dele” (1956). Em *O Mito Individual do Neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p. 90.

³⁵ Lacan, J. (1998). Do sujeito enfim em questão (1966). Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p. 233.

O mito seria uma forma de falar da verdade que estrutura a vivência do sujeito, no entanto, esta verdade resiste à simples objetificação, uma verdade que **só pode ser expressa parcialmente, semidita**. Assim como o mito, a verdade só pode articular sendo redita indefinidamente.

3) Narrativa que **liga um sujeito à constelação original que presidiu ao seu nascimento**.

Liga o sujeito à coletividade de narrativas que permeiam sua inscrição individual. Neste ponto, necessitamos **diferenciar a confiança na universalidade de Édipo**, por parte de Freud, da forma como Lacan assimila essa questão. Para Freud a forma do universal se dá pela modelo de Édipo.

Em Lacan, **o mito de Édipo se torna um mito dentre outros possíveis**, um universal de termos particulares.

4) Mito como modelo de inscrição simbólica do neurótico na linguagem.

Neste ponto o mito é caracterizado *como um conjunto de narrativas em torno de uma questão central ao neurótico*: frente ao enigma do desejo do Outro, que toma as vezes de um questionamento sobre os fundamentos da lei e sobre a articulação entre desejo e gozo, o **neurótico responde com seus mitos individuais**. Em outros termos, diante do impossível da resposta, o mito forneceria na série de tentativas de **recobrimento simbólico deste furo**, o seu tratamento significativo, possibilitando, assim, a formulação do que Lacan chama de “significante do impossível”.

5) O mito como **possibilidade de formalização da experiência analítica**.

Se em Freud, o mito daria testemunho do funcionamento do sistema psíquico, em Lacan, traria consigo um modelo de matematização de sua estrutura, com grandes influências sobre a teoria da constituição subjetiva. O **modelo algébrico**, aberto a derivações topológicas da “**fórmula canônica do mito**”, marcaria o início de uma tentativa de recolocar a questão epistemológica da articulação da psicanálise como ciência. Tal princípio científico, pressuposto no projeto estruturalista, foi radicalizado por Lacan a ponto deste primeiro conceito importado da antropologia lévi-straussiana servir, em nossa leitura,³⁶ de **meta-modelo para uma série de outros esquemas propostos por Lacan para a formalização da experiência psicanalítica**.

³⁶ Domiciano, J. F. (2021). *A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica*. Curitiba: CRV.

Finalmente, a partir deste breve percurso, podemos esquematizar a diferença entre os autores acerca de uma teoria do mito da seguinte forma:

	FREUD	LACAN
Origem	Endopsíquica	Linguagem
Forma	Edipiana e derivadas	Múltiplas
Universal	Prescritivo	Estrutural
Inscrição no discurso	Individual → Coletiva	Outro
Fundamento	Experiencial (Horda primeva)	Ordem simbólica
Valor epistemológico	Descoberta de disposições inatas	Especificação da estrutura da linguagem (Formalização)

BIBLIOGRAFIA

1. Domiciano, J. F. (2021) *A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica*, Curitiba: CRV.
2. Dunker, C. I. L. (2015) *Mal-estar, Sofrimento e Sintoma*, São Paulo: Boitempo.
3. Freud, S. (1982). Cartas a Fliess - Carta 71 (1897). Em *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu.
4. Freud, S. (1982). Cartas a Fliess - Carta 78 (1897). Em *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu.
5. Freud, S. (1982). Psicopatología de la Vida Cotidiana (1902). Em *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 6). Buenos Aires: Amorrortu.
6. Freud, S. (1982). El esclarecimiento sexual del niño (1907). Em *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Buenos Aires: Amorrortu.
7. Freud, S. (1982). Totem y Tabú (1912-13). Em *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu.
8. Lacan, J. (2008). O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose (1953). Em *O Mito Individual do Neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
9. Lacan, J. (2008) Intervenção depois de uma exposição de Claude Lévi-Strauss na Sociedade Francesa de Filosofia, “Sobre as relações entre a mitologia e o ritual, com uma resposta dele” (1956). Em *O Mito Individual do Neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
10. Lacan, J. (1998). Seminário sobre ‘a carta roubada’ (1957). Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
11. Lacan, J. (1955-1956). *Les Psychoses*. Paris: Staferla.
12. Lacan, J. (1960-1961) *Le Transfert*. Paris: Staferla.
13. Lacan, J. (1998). Do sujeito enfim em questão (1966). Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p. 233.
14. Lévi-Strauss, C. (2009). A eficácia simbólica (1949). Em *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.
15. Lévi-Strauss, C. (2009). A estrutura dos mitos (1955). Em *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.
16. Lévi-Strauss, C. (2004). *O Cru e o Cozido* (1964). São Paulo: Cosac Naify.
17. Simanke, R. T. (2002). *Metapsicologia Lacaniana - Os anos de formação*. Curitiba: Editora UFPR.
18. Zafiropoulos, M. (2006) *Lacan y Lévi-Strauss - o el retorno a Freud (1951-1957)*. Buenos Aires: Manantial

JOÃO FELIPE G. M. S. DOMICIANO

Psicanalista. Diretor da sede APOLa São Paulo.

Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo.

Autor de *A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica* (2021).

e-mail: domicianojoaofelipe@gmail.com